CENTRO UNIVERSITÁRIO ALVES FARIA
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

KARINE FREITAS SILVA

Estudo de Caso na Clínica Gestáltica sobre a Confluência na Relação Psicoterapêutica.

GOIÂNIA,
2022

KARINE FREITAS SILVA

Estudo de Caso na Clínica Gestáltica sobre a Confluência na Relação Psicoterapêutica.

Artigo apresentado ao Centro Universitário Alves Faria como requisito parcial para obtenção do título de Psicólogo.

Orientador: Prof. Me. Guilherme Nogueira

GOIÂNIA,
2022

KARINE FREITAS SILVA

Estudo de Caso na Clínica Gestáltica sobre a Confluência na Relação Psicoterapêutica.

Artigo apresentado ao Centro Universitário Alves Faria como requisito parcial para obtenção do título de Psicólogo.

Orientador: Prof. Me. Guilherme Nogueira

_____

Prof. Me. Guilherme Nogueira – Centro Universitário Alves de Faria (Orientador)

_____

Prof. Thaís Carneiro – (Banca examinadora)

_____

Prof. Nadine Botelho – (Banca examinadora)

Goiânia, 03 de dezembro de 2022

Dedico este trabalho às minhas clientes do meu brechó, sem elas eu jamais teria conseguido chegar até aqui.

Agradecimentos

A minha fé, por me amparar e me fazer acreditar que eu era capaz, renovando minhas forças de autoconfiança.

A OVG (Organização das Voluntárias de Goiás) por ser suporte com a bolsa universitária PROBEM, inclusive minha tia Valderice, meu primo Alexandre, minha irmã Thaisa e outros doadores de sangue que colaboraram para a contrapartida da minha bolsa.

Ao meu filho, esposo, meus pais e minha sogra que me inspiraram a ser e oferecer o melhor de mim, pela compreensão em relação a minha ausência durante a construção deste e do tempo investido à minha graduação.

A minha cliente por partilhar da sua história e existência comigo.

Ao meu orientador, Guilherme Nogueira pela paciência e dedicação na minha evolução profissional, mas em principal por me fazer admirar ainda mais a abordagem gestáltica.

A minha professora Claudia Borges pela dedicação, paciência e empatia ao me auxiliar na construção deste.

A minha melhor amiga, talvez a única que tive em todo o meu percurso de vida, Flávia Cristina por fazer não só minha graduação, mas também minha vida “docemente auditiva”.

As minhas colegas de estágio: Alessandra Lima, Alessandra Moura, Symey, Ana Paula e Daiane por contribuírem no enriquecimento do meu estágio.

“Estar no aqui e agora é unir nossa atenção e a nossa consciência.”

(Fretz Perls)

Resumo

O presente artigo traz o relato de uma estagiária na clínica gestáltica, com o objetivo de construir uma discussão acerca de como a presença do terapeuta pode favorecer o cliente em confluência através do contato. O estudo de caso foi construído através dos atendimentos na clínica escola, com uma pessoa de codinome Norman, 27 anos do gênero feminino. A pesquisa foi realizada através do método de pesquisa qualitativa, como meio de flexibilidade para melhor apresentar a experiência vivenciada do estudo, foi incluído trechos das sessões para dar clareza à discussão. Através do diagnóstico processual em conjunto com a investigação fenomenológica a psicoterapeuta-estagiária visualiza a relação de figura e fundo da cliente. Na busca de trazer a cliente para o aqui e agora, a psicoterapeuta-estagiária percebe bloqueios de contato e nota que em meio ao sintoma e fronteira de contato houve confluência e desta trouxe suas próprias diretrizes trazendo um novo ângulo de percepção. Nos trechos é notável a confluência em vários setores, assim como na relação terapêutica. Conforme a evolução das sessões nota-se momentos de contato pleno e autoregulação organísmica fluindo através do sentir, pensar e fazer. Dentro desse estudo a psicoterapeuta-estagiária pôde perceber sua existência na existência da cliente, deixou-se achegar ao risco de coexistir e se fez presente, sentiu pensou e fez uma transformação na sua forma de ser e atuar como terapeuta.

Palavras-chave: ***Diagnóstico; Bloqueios de contato; Confluência.***

Abstract

This article presents the report of an intern at the gestalt clinic, with the objective of building a discussion about how the presence of the therapist can favor the client in confluence through contact. The case study was built through consultations at the school clinic, with a person codenamed Norman, 27 years old female. The research was carried out through the qualitative research method, as a means of flexibility to better present the lived experience of the study, excerpts from the sessions were included to clarify the discussion. Through the procedural diagnosis together with the phenomenological investigation, the trainee-psychotherapist to view the relationship between the client's figure and background. In the quest to bring the client to the here and now, the trainee psychotherapist perceives contact

blocks and notes that amidst the symptom and contact boundary there was confluence and from this she brought her own guidelines bringing a new angle of perception. In the excerpts, the confluence in several sectors is remarkable, as well as in the therapeutic relationship. As the sessions progress, there are moments of full contact and organismic self-regulation flowing through feeling, thinking and doing. Within this study, the trainee-psychotherapist was able to perceive her existence in the client's existence, she let herself get close to the risk of coexisting and made herself present, felt, thought and made a transformation in her way of being and acting as a therapist.

Keywords: Diagnosis; Contact blocks; Confluence.

Sumário

Estudo de caso na clínica gestáltica e a confluência na relação terapêutica.....10
Método 155
Participante(s) 155
Instrumentos e materiais.....156
Procedimentos de coleta e análise de dados.....166
Discussão.....177
Considerações Finais 233
Referências 244

Estudo de Caso na Clínica Gestáltica Sobre a Confluência na Relação Psicoterapêutica.

Karine Freitas Silva
Prof. Me. Guilherme Nogueira
Centro Universitário Alves Faria

Este artigo busca apresentar o relato de experiência da psicoterapeuta-estagiária na prática clínica e com objetivos específicos discutir sobre conceitos da abordagem gestáltica, acerca da presença do terapeuta em contato e a confluência como um mecanismo de bloqueio do cliente. Ribeiro (2019) afirma que é pelo contato que o terapeuta se faz metade de uma realidade única, através da sensação e percepção entra na realidade subjetiva do cliente e acessa suas diretrizes em seu próprio contato com o cliente, sente e se faz presente.

Através do contato e evoluções das sessões individuais de terapia, pode-se perceber o modo que flui e se organiza a consciência de uma pessoa em relação à sua autopercepção, abrindo espaço para a fluidez da investigação fenomenológica e diagnóstico processual. A linguagem diagnóstica segundo Yontef (1998) proporciona ao psicoterapeuta uma visão da estrutura psicológica do paciente, fazendo com que o mesmo seja mais preciso em suas intervenções e perceba se há possibilidade de construção do vínculo.

Dentro de uma troca existencial, o terapeuta pode experimentar um momento de medo ao se deparar com a estadia no mundo do cliente, para que não perca suas diretrizes é necessário que haja uma oscilação existencial. Torna-se eficaz a compreensão quando o terapeuta se faz presente pelo ponto de vista do cliente e que tenha habilidade de sair dele oferecendo outra perspectiva (Hycner, 1995).

O diagnóstico processual em Gestalt-terapia, se trata de uma busca pelo significado ou relação entre a figura e o fundo que o cliente trás. Isto é, a qualidade da consciência e de sua auto-regulação organísmica, trazendo à tona o funcionamento humano invariável, dando espaço para a fenomenologia no processo de formação de significado figura/fundo. Como

afirma Yontef (1998) ao falar da eficácia psicoterápica e credibilidade dada ao cliente diante a sua experiência e processos.

A figura e fundo seguem seu caminho através do contato, tanto de formação quanto de destruição de novas gestalten, em um movimento contínuo de renovar-se e neste o cliente se faz presente e se reconhece. O contato passa por um duplo processo: dedutivo e indutivo, ao que no ponto de vista fenomenológico sendo causa e efeito, sem deixar a unicidade e a individualidade, que cada ser ecoa em sua totalidade (Ribeiro, 2019).

O neurótico é aquele que se interrompe daquilo que não quer se haver no momento e que de forma inadequada percebe seu mundo circundante com problemáticas de auto-suficiência, torna-se caótica a busca pela conquista de adequação do sentido de identidade. Sendo assim, o processo homeostático dá estabilidade e ao mesmo tempo proporciona desequilíbrio no indivíduo, privando-se de satisfazer daquilo que se faz necessário para a "sobrevivência", adoece. Em outras palavras, seria um processo de auto-regulação em prol da própria sobrevivência fisiológica, social e psicológica. (Perls, 1988).

As teorias que embasam a prática de psicoterapias passam por reflexões o tempo todo acerca da mudança da pessoa, porém é notável que por vezes o foco esteja em um dos sistemas de mudança, dando mais ênfase no pensar, no sentir ou no fazer, nenhum destes sistemas se fazem mais ou menos importantes para que flua uma psicoterapia, porém quando se descuida e desfavorece um dos sistemas pode se tornar ineficaz o processo terapêutico. Ribeiro (2019) escreveu que o organismo em contato pleno se conecta em equilíbrio com subsistemas importantes: o sensorial, motor e cognitivo, todos em movimento. Sendo assim, o indivíduo se vê no mundo, se relacionando com ele e consigo de forma fluída.

A relação como trabalho terapêutico vem através do contato da presença do terapeuta com o cliente, oferecendo possibilidades de ressignificações e inovação de meios criativos, ou seja, o modo em que as pessoas encontram e desencontram, dando possibilidade de

compreender o modo de contato do cliente e como o terapeuta em sua existência irá estar em contato com o cliente. Para Ribeiro (2019) por meio do contato se tem a ideia de união e separação, sendo elas funções de contato.

Na clínica gestáltica o foco não está no passado, repressões, dissociações e outros que impedem o paciente de lidar com o presente. A terapia do aqui e agora se mantém em atenção no momento e espaço do agora, mesmo que o cliente traga itens do passado, pois a intencionalidade deste no momento se faz presente no tratamento do ser dele de hoje, para que conviva e sobreviva no agora. (Perls, 1988).

A Gestalt favorece a possibilidade de totalidade como direito natural, compreendendo que o indivíduo é uma parte do meio e o meio uma parte do indivíduo, sem prender o paciente a remoer o passado, mas sim conscientizá-lo de que o mesmo não é mutável, mas a forma que se vê o que já foi, é! (Perls, 1988).

Outras abordagens também dão sentido á palavra consciência, em gestalt o termo toma um sentido onde o cliente está livre para expressar a si mesmo e ser questionado pelo psicoterapeuta a qualquer afirmação ou questionamento que não o represente. Conduzir a autopercepção do cliente o faz enxergar-se através de sua própria fala e expressões (Perls,1988).

A autorregulação organísmica nada mais é do que o contato em ação em prol da saúde, sendo assim o sujeito adoecido ou com sintomas apresenta interrupções de contato com o eu-mundo e/ou eu-no-mundo, ou seja, aquilo que se faz sintoma ou doença sempre estará relacionado à pessoa ao campo total na qual existe (Ribeiro, 2019).

Para que haja fluidez na autorregulação e se mantenha saudável, tanto cliente quanto terapeuta em contato, devem abrir e fechar gestalts, em outras palavras abrir novas necessidades a serem atendidas e fechar atendendo as mesmas. Ainda segundo Ribeiro (2019)

o processo de adoecimento ocorre quando o indivíduo apresenta interrupção de contato e é justamente no diálogo que se pode chegar perto da verdadeira natureza da saúde.

O psicoterapeuta busca conduzir o cliente para o aqui e agora e espera se surpreender com a forma que o mesmo se sentirá em contato, espera-se um contato real onde o cliente perceba sua singularidade, o tempo e espaço como algo favorável. Embora o esperado seja um contato pleno, existem bloqueios de contato que também podem surpreender o terapeuta. Ribeiro (2019) descreve nove processos de bloqueios de contato, sendo um destes a confluência, um processo pelo qual a pessoa é extremamente ligada aos outros e demonstra dificuldade em separar o que é dela e o que é do outro.

Ribeiro (2019) destaca a importância da cautela diante a fronteira de contato, já que na mesma são encontradas as diferenças e caso se perca a própria realidade na realidade do outro, pode acabar por anular o eu-mundo e extraviar a individualidade para o outro, confluindo com o mundo externo do eu, passa a ser nós e se torna negativamente transformador.

Através da relação psicoterapêutica, podem-se identificar os modos de ser, ou melhor, o estilo de personalidade do cliente e seus mecanismos de defesa. Entre os oito modos de ser e descontinuações do ciclo do contato, a confluência é a que comunica com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos mentais (DSM) à personalidade dependente (Pinto, 2015).

Considerando conceitos da Gestalt-terapia o cliente, seus sintomas e padrões aparecem de forma fluída e através de um ponto de partida que é seu modo de ser, emite o norte para o terapeuta, direcionando como o mesmo irá conduzir as sessões. (Pinto, 2015). Com um contato pleno, o manejo da sessão e da presença do terapeuta se insere o ciclo do contato, favorecendo mecanismos saudáveis e promovendo mudanças no modo de ser do qual o cliente se queixa (Ribeiro, 2019).

Perls (1988) afirma que o terapeuta pode ser um espelho com reflexo aumentado em suporte ao cliente. Por maneiras diferentes, somos todos visitantes diante a linguagem própria-corporal, uma alienação na qual todo ser humano sofre e o papel do terapeuta é decifrar e traduzir essa linguagem de forma compreensível ao cliente (Hycner, 1995).

Nesse sentido, o estudo de caso e as experiências vivenciadas no estágio supervisionado na clínica gestáltica abrem espaço para a seguinte questão: como pode se desenvolver a relação terapêutica entre uma psicoterapeuta-estagiária e uma cliente confluente em suas relações interpessoais?

Método

O estudo de caso aqui apresentado trata-se de uma pesquisa qualitativa de forma descritiva e exploratória. Tendo como natural, o ambiente será a fonte de dados de uma pesquisa qualitativa, como pessoa o pesquisador será o instrumento para guiar todos os passos da pesquisa, sendo estes: observar, selecionar, analisar e interpretar os dados coletados excluindo dados quantitativos (Godoy, 1995). Os pesquisadores apreensivos com a prática buscando flexibilidade realizam pesquisas descritivas acompanhadas das exploratórias, uma porque descreve as características e variáveis de uma relação e outra por trazer uma melhor compreensão do estudo (Gil, 2002). Consideram-se conceitos teóricos da Abordagem Gestáltica para elaborar o mesmo.

Participante(s)

O estudo de caso foi realizado com duas participantes: a estagiária Karine Freitas, 29 anos, estudante do décimo período de psicologia. Garantindo o sigilo indicado no Código de Ética do Psicólogo acerca da identidade da segunda participante utilizou-se o codinome Norman. Ela é do gênero feminino, 27 anos e reside em Goiânia-Goiás. Norman procurou o Núcleo de Estágio e Pesquisas em Psicologia (NEPP) com demanda inicial de ansiedade, relatos de crises de pânico e dificuldade de manter-se focada nos estudos e participar de um concurso público.

Instrumentos e materiais

Para a coleta de dados, foram realizados encontros semanais, no primeiro foi apresentado para Norman um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), autorizando a gravação das sessões e o uso de seus dados em pesquisas e publicações resguardando o sigilo de sua identidade; Contrato Terapêutico esclarecendo normas e regras da clínica escola.

Os atendimentos foram realizados uma vez por semana, utilizando de uma das salas de atendimento da clínica escola do Centro Universitário Alves de Farias (UNIALFA). Na sala climatizada havia duas poltronas, uma mesa de canto com arranjo de flores artificiais e um aparelho celular para gravar as sessões, também foram realizadas transcrições das sessões para discussão em supervisão.

Procedimentos de coleta e análise de dados

A participante Norman passou por uma triagem na clínica escola e ficou na "fila" aguardando a disponibilidade de um estagiário para atendimento. Por e-mail a secretária da clínica escola enviou uma lista com nome e telefone de clientes que aguardavam atendimento para a psicoterapeuta-estagiária Karine Freitas, a mesma na terceira tentativa conseguiu contato via mensagem por aplicativo de comunicação, agendando previamente dia e horário dos atendimentos, conforme a disponibilidade. As sessões duraram 50 minutos cada, sendo realizadas às quintas-feiras e depois transferidas para as quartas, todas as sessões foram gravadas e transcritas para uma melhor compreensão e análise das sessões sob supervisão.

No primeiro atendimento foi realizado a apresentação do trabalho psicoterápico e contrato psicológico. Além de sanar quaisquer dúvidas sobre a gravação e sigilo das sessões, foi realizado acolhimento das demandas iniciais e escuta ativa.

Discussão

O objetivo deste artigo é discutir e contextualizar, por meio dos conteúdos coletados durante as sessões, sobre o conflito experimentado pela psicoterapeuta-estagiária de coexistir e se perceber no mundo de uma cliente em confluência e relatar os desafios enfrentados ao acolher e promover fatores de cura através da relação psicoterapêutica. Com o foco de conduzir o cliente para uma melhora de suas queixas, o psicoterapeuta deve estar pronto para perceber e dar nome aos padrões repetitivos de contato que se movimentam em prol de suas dificuldades (Phil, 2016).

Hycner (1995) explicou que o trabalho realizado pelo psicoterapeuta recebe muita exigência profissional e acaba por colocar o psicoterapeuta em um campo minado diante a existência do cliente, onde sua presença se faz necessária para o processo psicoterápico, porém, em conflito o terapeuta pode se questionar, até onde poderia ir como pessoal e em que nível o profissional o mecaniza, armando uma emboscada para o mesmo.

Era o primeiro encontro, a psicoterapeuta-estagiaria apresentou para Norman o contrato terapêutico com o intuito de dar o primeiro passo no vínculo entre ambas. O nervosismo durante a troca existencial fez com que as mãos suassem, o coração acelerasse e era claro que a ansiedade da psicoterapeuta-estagiária estava mais presente do que a própria, como mostra o trecho abaixo da primeira sessão de psicoterapia com Norman no dia 31/03/2022:

Psicoterapeuta-estagiária: Bom, meu nome é Karine Freitas e sou estagiária aqui do Unialfa, gostaria de saber...Que me falasse, quais suas expectativas para o nosso encontro?

Norman: Então, eu estava bem ansiosa para a volta. Eu fiz acompanhamento no período passado, aí já tem uns dois meses ou mais que estava parado, nesse período minhas crises de ansiedade me atacou bastante.

Embora o nervosismo tenha ocupado um espaço e tempo considerável durante o primeiro encontro, a psicoterapeuta-estagiária sem esconder sua presença usou-a a seu favor na construção do vínculo com a cliente e com supervisão conseguiu conduzir as próximas sessões de psicoterapia com mais calma e intervenções mais eficazes. Através da escuta Feijoo (2010) afirma que o psicoterapeuta pode ser um condutor dos conflitos escondidos e de forma articulada reproduzir a fala do cliente acerca de suas questões mais íntimas, como fez a psicoterapeuta-estagiária na sessão do dia 12/05/2022 ao conduzir a cliente através de sua fala para uma autopercepção e contato interno no trecho abaixo:

Psicoterapeuta-estagiária: Então, deixa ver se eu entendi. Você disse que se ver por um ângulo diferente, seria se sentir confiante e aliviada por ser corajosa?

Norman: Sim. Me sinto confiante, confio em mim mesma. Eu consigo ver isso hoje, porque eu nunca confiei em mim.

Feijoo (2010) concluiu que é através da busca pela essência dos fenômenos que o psicoterapeuta pode visualizar as autenticidades e partes inautênticas no ser do cliente, no trecho a seguir a essência do fenômeno aparece junto com a habilidade de Norman em utilizar o acolhimento da psicoterapeuta-estagiária para validar seu modo de ser. Como meio de sobrevivência e auto-regulação a cliente relata vários problemas de saúde ao longo do tempo para justificar a falta com o compromisso feito por ela mesma e através do diálogo abre as cortinas e assim, clareia a visão da psicoterapeuta-estagiária na busca da cliente por um local onde a mesma pudesse expressar sua insatisfação ocasionada por se forçar a estudar e atender as expectativas de seus pais e cônjuge (Feijoo, 2010).

11/08/2022 Norman: Eu fui ao médico porque pensei que estava doente, né? Mas era só estresse por ter que estudar, daí eu melhorei quando fiquei duas semanas sem estudar!

11/08/2022 Psicoterapeuta-estagiária: Então, em duas semanas seu cabelo parou de cair, seus roxos sumiram por você ter parado de estudar. Como é para você falar que tem que estudar e perceber que seu cabelo e seu corpo agradecem quando você não estuda?

A entrega na partilha consciente, de deixar-se querer perceber é a essência do contato do terapeuta, dando espaço para que o cliente note a presença voluntária do mesmo e flua através da relação e entre em contato com sua autopercepção, dentro e fora. Ribeiro (2006) afirma que o contato vai para além dos sentidos instintivos, o mesmo pode ser externo ou interno, em vista disso acredita-se que o cliente de forma consciente e espontânea percebe sua realidade externa em contato direto com a intencionalidade. No recorte abaixo, na sessão do dia 31/08/2022 pela primeira vez a psicoterapeuta-estagiária consegue trazer sua presença à fronteira de contato da cliente.

Norman: Ontem mesmo eu tentei sentar para estudar, mas qualquer coisa tem tirado minha atenção, aí fico lá procrastinando. Psicoterapeuta-estagiária: Ótimo, você entrou em um ponto que já tinha um tempinho que eu queria falar com você, mas estava esperando o momento ideal. Chegamos a um momento muito importante na nossa relação, pois durante as sessões você me trouxe demandas que envolviam seus estudos e a vontade de manter o foco por um objetivo e sonho, porém ao mesmo tempo me trouxe muitas demandas em relação ao não estudar e o quanto seus estudos te trazem conseqüências que causam impacto direto na sua saúde como um todo. Então talvez eu esteja um pouco confusa...

Após alguns meses o vínculo estava forte, a psicoterapeuta-estagiária passou a ter mais intimidade com Norman, analisou como poderia fazer intervenções mais eficazes e se fazer cada vez mais presente. O desafio e dificuldade em coexistir no mundo da cliente que possui um bloqueio de contato que exige uma conduta profissional cautelosa, fez com que a

psicoterapeuta-estagiária recorresse às supervisões e releitura das transcrições para ajustar suas intervenções e assim diminuir a presença do sentido do nós, sendo um padrão reconhecido e repetido que acarreta prejuízos nas relações interpessoais de Norman desde a adolescência. Pimentel (2003) escreveu que por meio do diagnóstico processual, a relação figura e fundo e o sentido das coisas mesmas, podem ser úteis na análise de alteração na conduta do psicoterapeuta.

Mesmo que alguns meios criativos para sobrevivência causem desequilíbrio em Norman, é notável que a mesma deposita uma quantidade de energia considerável em manter a expectativa do outro atendida, ao nível de consciência que a cliente possui de si mesma é considerado que ela não estaria melhor sem estes meios no momento. Mesmo que a fuga em outras teorias seja enfrentada como algo negativo, em Gestalt-terapia se trata de uma ferramenta para sobrevivência, para se defender daquilo que de alguma forma oferece risco. Sendo assim, no recorte abaixo na fala de Norman, causa dúvidas se isso poderia ou não ser prejudicial ao bom funcionamento do indivíduo, a ideia geral seria gerar uma compreensão mais ampla sobre a fuga, tomando consciência do quê, para quê e por quanto tempo essa fuga irá durar (Perls, 1988).

> *31/08/2022 Norman: Antes eu não estudava por não ter uma mesa, aí meu esposo fez uma mesa, daí depois a cadeira estava ruim e ele foi lá e comprou uma daquelas super confortáveis, depois estava muito calor e o barulho do ventilador me atrapalhava, ele foi lá e comprou um ar. Toda vez eu arrumo uma desculpa para procrastinar. (sorrindo de nervosismo)*
>
> *31/08/2022 Psicoterapeuta-estagiária: E como é para você, sempre arrumar uma desculpa para procrastinar em relação aos seus estudos?*

Diante ao aqui e agora da sessão psicoterápica foi ressignificado a intencionalidade do passado e futuro, em outras palavras seria visualizar por um novo ângulo os sentidos que a

cliente atribuía aos acontecimentos de sua história pregressa e como isso reflete em seus planos futuros, mas principalmente em como o ser dela de hoje se percebe em seu todo. Segundo Perls (1988) o terapeuta pode ajudar o cliente a olhar para dentro de si mesmo, como demonstra o trecho abaixo quando Norman entra em contato com seu senso de identidade e sua realidade atual.

> *Norman: Às vezes eu queria ser só filha e ser cuidada, ser criança. Mas os dias passam tão rápido e agora eu sou a filha adulta com um monte de responsabilidade, inclusive a de cuidar do meu pai que está precisando de mim hoje.*

Segundo Sartre (2008) uma emoção pode estar lado a lado com uma consciência, ou seja, através de um significado dentro da vida psíquica se emite uma emoção. Ao investigar abrindo e fechando gestalten, a psicoterapeuta-estagiária notou que Norman se emociona, expressa raiva e inquietude quando entra em contato com a procrastinação diante aos estudos, depois as dificuldades em se posicionar diante a família e em seguida os confrontos por necessidade de diminuir as diferenças entre ela e seu cônjuge, como mostra o trecho da sessão do dia 19/10/2022 logo abaixo quando Norman em contato com seu eu, se emociona.

> *Psicoterapeuta-estagiária: Bom, neste papel vou colocar aqui sua família, seus estudos e seu casamento. Falamos muito sobre eles durante as sessões, você sabe me dizer se existe algo em comum entre esses três pontos?*
>
> *Norman: Desgaste físico, mental e emocional. Eu me cobro demais...*
>
> *Eu sempre acho que deveria estudar mais do que eu já estudo, na minha família eu também acho que eu poderia me doar mais, mesmo me doando mais do que deveria e no meu casamento também, eu me cobro bastante de me doar mais, mesmo que eu veja que eu pioro a situação por me cobrar demais e acabo sufocando meu marido.*
>
> *As vezes minha família me cobra, mas eu vejo que quem mais me cobra sou eu mesma, em tudo!*

A confluência como um bloqueio de contato em Norman, sendo uma personalidade dependente, impede que ela se perceba em partes, tornando o todo de si em uma construção baseada nas relações ao longo de sua existência, buscando adequação naquilo que acredita ser. Como meio de sobrevivência e por não estar preparada para lidar com seu eu no momento, adoece (Perls, 1988).

Como um espelho com grau de aumento elevado a psicoterapeuta-estagiária tentava ficar em frente à cliente toda vez que ela aparecesse, pois em grande parte do processo psicoterápico a mesma era a relação das duas, com o intuito de atender o que a psicoterapeuta-estagiária pudesse ter de expectativa sobre ela e com o intuito de agradar acabava por se anular de forma tão sútil, como uma pena ao tocar a água de um rio, confluindo no nós por medo de ser diferente como afirma Ribeiro (2019).

Portanto, a psicoterapeuta-estagiária encontra desafios quando entra em contato com a cliente, sentiu como é estar em uma relação com Norman, onde o sentimento de responsabilidade é maior do que deveria ser, de autocobrança em se doar cada vez mais para afirmá-la, não da parte da psicoterapeuta-estagiária, mas em confluência com Norman, sair do mundo da cliente era tão complexo como entrar (Hycner, 1995). Um desses desafios está no do recorte abaixo, onde a psicoterapeuta-estagiária notou a confluência de Norman e a busca por acolhimento de uma vingança em relato de uma discussão com seu cônjuge, interviu:

> *28/10/2022 Psicoterapeuta-estagiária: você nunca tinha me contado sobre sua compulsão em compras, queria saber o que a compra da lavadora para a ex-cunhada do seu marido tem haver com as compras que você fez escondida?*

Como função de contato Ribeiro (2019) considera o unir-se e separar-se, diante ao bloqueio de contato, Norman não alcançou o fator de cura nas relações interpessoais, mas à medida que a psicoterapeuta-estagiária adotou uma conduta mais assertiva foi construída uma boa relação.

Considerações Finais

Por meio desse relato de experiência foi visto a complexidade acerca da conduta da psicoterapeuta em fase de aprendizagem. Diante o coexistir no mundo da cliente que repete padrões de confluência a psicoterapeuta-estagiária experimentou momentos de insegurança e medo de perder suas diretrizes e fazer parte do sintoma da cliente. Na medida do possível e com supervisão, trouxe sua presença como um instrumento utilizado para que acontecesse o processo psicoterapêutico.

Embora o ser humano esteja em contato o tempo todo, existem momentos que os bloqueios de contato se passam por contato pleno, se mascara. É no contato de diferentes como a psicoterapeuta-estagiária e Norman que se nutre o eu.

Considerando que a cliente repete padrões de confluência desde a adolescência, pode-se dizer que em quase um ano de psicoterapia foi dado apenas o primeiro passo nesse processo, já que Norman não alcançou fatores de cura nas relações interpessoais mesmo desenvolvendo uma boa relação com a psicoterapeuta-estagiária.

Portanto, o objetivo deste trabalho foi discutir a forma que a psicoterapeuta-estagiária pôde colaborar com sua presença na experiência da cliente em confluência. Apesar de ser o primeiro contato com a clínica, a psicoterapeuta-estagiária sentiu-se confiante.

Visto isso, o trabalho possibilita uma nova visão acerca da presença e conduta do psicoterapeuta diante aos bloqueios de contato do cliente e de como os meios de fuga podem ou não favorecer a autorregulação de um cliente, para que o mesmo consiga sobreviver diante ao seu modo de ser no hoje.

Referências

Feijoo, A. M. C. (2010) A escuta e a fala em psicoterapia. 2°ed. Rio de Janeiro:IFEN.

Gil, A. C. (2002) Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas.

Godoy, A. S. (1995). Uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em Ciências Sociais. Revista da Administração de Empresas, 35(2, 57-63)

Hycner, R. (1995) De pessoas a pessoa: psicoterapia dialógica. São Paulo: Summus

Ribeiro, J. (2019) O ciclo do contato: temas básicos na abordagem gestáltica. São Paulo: Summus 2° ed.

Perls, F. (1988) A testemunha ocular da terapia. Rio de Janeiro: ABDR

Phil, J. Charlotte Sills (2016) Técnicas em gestalt: Aconselhamento e psicoterapia. Petrópolis: Vozes

Pimentel, A. (2003) Psicodiagnóstico em Gestalt-terapia. 2° ed. São Paulo: Summus

Pinto, E. B. (2015) Elementos para uma compreensão diagnóstica em psicoterapia: o ciclo do contato e os modos de ser. São Paulo: Summus

Ribeiro, J. P. (1997) O ciclo do contato: temas básicos na abordagem gestáltica. São Paulo: Summus 2° ed.

Ribeiro, J. P. (2006) Vade-mécum de gestalt terapia: conceitos básicos. São Paulo: Summus

Sartre, J. P. (2008) Esboço para uma teoria das emoções. Porto Alegre: L&PM

Yontef, G. M. (1998) Processo, Diálogo e Awareness: Ensaios em Gestalt-terapia. São Paulo: Summus